

A “DESCENTRAÇÃO” DO SUJEITO E A FUNÇÃO SOCIAL DO ENSINO RELIGIOSO PARA A
FORMAÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES EM TEMPOS PÓS-MODERNOS

*The “decentering” of the subject and the social function of religious education for
the training of new generations in post-modern times*

Karla Alexandra Dantas Freitas Estrela¹

Resumo:

Este é um ensaio reflexivo sobre a função social da escola diante das mudanças referentes à constituição das identidades dos sujeitos e a centralidade da cultura em tempos pós-modernos e os conflitos geracionais ocasionados por esse movimento. A grande problemática paira sobre como a escola pode contribuir para minimização da intolerância e o preconceito existentes nas relações entre os jovens durante esse processo de formação identitária, advindos das diferenças culturais. Fundamentadas em Forquin, Veiga-Netto e Hall, tecemos uma discussão sobre como a escola, enquanto espaço social, pode promover debates sobre a diversidade que contribuam para a minimização do preconceito e da intolerância através de diálogos que possibilitem o entendimento das diferenças e a importância da história do outro (diferente) para sua própria constituição identitária. Considerando que as escolas não oferecem espaço, em sua maioria, para as discussões sobre Ética e Pluralidade Cultural podemos considerar o Ensino Religioso (em sua nova perspectiva conforme a LDB 9394/96) como caminho para construção desse pilar, quando proporciona diálogos sobre a existência humana, o fenômeno religioso e seu impacto sobre o social onde estes alunos vivem? Estudos como os de Junqueira e Benicá defendem que sim, mesmo diante da dita laicidade do Estado, justificando que, a partir das discussões antropológicas e históricas das religiões e do diálogo, é possível alcançar a minimização dos preconceitos e da intolerância.

Palavras Chaves: Cultura; Escola; Ensino Religioso; Intolerância.

Abstract:

This is a reflective essay on the social function of the school before the changes related to the formation of identities of subjects and the centrality of culture in postmodern times and generational conflicts caused by this movement. The big issue looms over how the school can help to minimize intolerance and prejudice existing in relations between young people during this process of identity formation, arising from cultural differences. Grounded in Forquin, Veiga-Netto and Hall, weave a discussion of how the school should work as a social space for the minimization of bias through dialogues that enable the understanding of differences and the importance of the history of other (different) for your identity constitution itself. Considering that schools do not offer space, mostly for discussions on Ethics and Cultural Plurality, which are cross-cutting themes, we can think of discipline Religious Education (in his new perspective as the LDB 9394/96) as a way

1 Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil (2016). Orientadora educacional da Prefeitura Municipal de Queimadas, Brasil.

to build this abutment when providing dialogues about human existence, the religious phenomenon and its impact on social where these students live? Studies such as those of Junqueira and Benica argue that yes, even before the actual secular state, explaining that, from the anthropological and historical discussions of religions and dialogue, it is possible to achieve minimization of prejudice and intolerance.

Key words: Culture; School; Religious Education; Intolerance

Introdução

Para entender o conceito de pós-modernidade faz-se necessário sublinhar alguns aspectos que caracterizavam as relações sociais antes da segunda Revolução Industrial no século XX, época na qual se inicia o eclipse entre a modernidade e esse novo momento de fluidez e deslocamento. O projeto² da Modernidade opunha-se ao mundo tradicional no qual a Igreja, o Estado Absoluto e as Monarquias eram as principais fontes elaboradoras do estilo de vida das pessoas. Neste aspecto, a Ciência era tida como sua espinha dorsal, e a racionalidade como principal influência atuante sobre filósofos Iluministas³ como René Descartes (autor do conceito de sujeito cartesiano), Immanuel Kant e Georg Hegel (Bezerra, 2007).

A modernidade caracteriza-se pela ascensão do indivíduo associada a todas as transformações pelas quais passou o mundo na transição dos séculos XVIII para o XIX, como a primeira Revolução Industrial e a passagem do feudalismo para o capitalismo, atrelada ao surgimento da Ciência moderna baseada na razão e no experimento, tendo em vista que, neste contexto, até então, o conhecimento era baseado no mito e na religião (Bezerra, 2007).

É neste contexto que procuramos tecer uma reflexão sobre como a escola pode contribuir para minimização da intolerância e o preconceito existentes nas relações entre os jovens durante esse processo de formação identitária, advindos das diferenças culturais. Fundamentadas em Forquin, Veiga-Netto e Hall, tecemos uma discussão sobre como a escola, enquanto espaço social, pode promover debates sobre a diversidade que contribuam para a minimização do preconceito e da intolerância através de diálogos que possibilitem o entendimento das diferenças e a importância da história do outro (diferente) para sua própria constituição identitária.

2 Aqui utilizamos o termo *projeto* com o intuito de evidenciar que tanto a Modernidade quanto a Pós-modernidade, não devem ser vistas como espaços temporais fixos, mas como formas de observar, pensar e conceber as relações sociais através dos tempos.

3 O *Iluminismo* foi um movimento cultural e intelectual do século XVIII que procurou mobilizar o poder da razão, a fim de reformar a sociedade e o conhecimento herdado da tradição medieval. Tinha como principal meta difundir o uso da razão para dirigir o progresso da vida em todos os aspectos. (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1998, p. 605)

O moderno e o Pós-moderno

Um dos grandes propósitos da Modernidade foi o de dar sentido à vida das pessoas que estavam saindo de um período histórico marcado por uma estrutura de lógica religiosa (Idade Média), época em que o indivíduo tendia a ser anulado em relação à coletividade, ao grupo. A Modernidade veio, assim, propor a libertação e emancipação do ser humano em relação a essa estrutura anterior, sobretudo do ponto de vista individual. Neste sentido, foi que emergiram, neste período, ideologias como a do individualismo, a da crença na razão, e da fé na Ciência, esta última vista agora como alternativa para resolução dos problemas humanos (Bezerra, 2007).

A razão Iluminista, com seu famoso lema Liberdade, Igualdade e Fraternidade (pilar dos Direitos Humanos), segundo o qual as pessoas são livres para pensar e ser, mas em sua diferença devem ser tratadas em igualdade de direitos e viver num regime de colaboração e fraternidade dentro da sociedade, materializa o ideal Moderno, assim como a substituição da religião, mítica e tradicional, pela Ciência experimental e racional.

Em tal contexto, surgem correntes como a do Positivismo, Liberalismo e Socialismo, estes, movimentos teóricos e filosóficos diferenciados, mas que possuíam como ponto em comum, a adoção da Ciência como mola mestra da vida humana. A Modernidade, pois, destaca-se como uma transição de um período marcado pela predominância da tradição, dos valores e da moral, para uma época de desprendimento do passado.

Desse modo, podemos dizer que saímos desse momento tradicional para o mundo moderno e deste partimos para o pós-moderno. Isso, no entanto, não ocorreu/ocorre de forma linear. Stuart Hall vê na pós-modernidade uma realidade emergente, um momento de crítica à Modernidade, tendo em vista que, se neste contexto a Ciência era a grande promessa para a humanidade, o século XX veio nos provar que não, tendo em vista vários acontecimentos desse período, dentre eles, as duas grandes guerras mundiais, por exemplo. (Hall, 2011).

Considerando críticas feitas à Ciência moderna, surgem então questionamentos do tipo: será que esse modelo científico com ênfase racional é capaz de fornecer respostas aos grandes problemas da humanidade como havia prometido? Suas descobertas e avanços trouxeram bem-estar a todos? Será que atitudes como o Holocausto e o lançamento da bomba atômica contra o Império Japonês durante a Segunda Guerra Mundial não evidenciam limites desse paradigma?

Diante disso, as dúvidas provocadas pela própria Ciência moderna, especialmente a partir do século XX, foram paulatinamente gestando outras perspectivas, denominadas, apesar de suas diferenças, de pós-modernas, por se caracterizarem pela indefinição de respostas

prontas e acabadas, pois, na contemporaneidade, o fluxo de pessoas e informações é imenso, tendo em vista a velocidade das mudanças absurdamente hábil.

Essa aceleração de contato e de informação, muito advindas do avanço tecnológico e da globalização, tem nos tornado cada vez mais presos uns aos outros, pois, as redes sociais, expressando coleções de pessoas, num “consuma-me” sem fim, exhibe uma busca de visibilidade através de “comentários” ou “curtidas” nas redes sociais.

Esse novo estilo de vida, no entanto, provoca, para alguns autores, mal-estar à medida que enquanto na modernidade a orientação era o saber científico, na pós-modernidade tudo acontece tão rápido que os paradigmas não se consolidam e são perdidos antes de serem pensados e internalizados. O sentido da vida desaparece e nenhuma instituição parece capaz de dar logicidade a existência dos indivíduos. A internet, a TV a cabo, todos os meios de comunicação nos oferecem tudo muito rápido, e essa facilidade aflora nas pessoas o que tem sido denominado de “esfriamento geral das relações humanas (ou dos laços humanos) por toda parte”⁴. (Bauman, 2000, p.60).

Hoje em dia, dificilmente as pessoas se chocam ou se sensibilizam com notícias sobre tragédias, fome, calamidades. O fato é noticiado e no dia (ou mesmo no momento) seguinte, ninguém mais se lembra da criança símbolo da crise migratória da Europa⁵. É só mais uma. A notícia passa e imediatamente aparece alguém sorrindo, falando sobre o saldo de gols do time líder do campeonato brasileiro, sobre as novas descobertas científicas, ou a propaganda do mais recente modelo de Iphone lançado no mercado e está tudo bem. Nesse contexto, a ascensão e emergência de novas e antigas religiões refletem a pluralidade de opções e escolhas que os indivíduos podem fazer, inclusive no campo religioso.

Peter Berger (2013), afirma que, com o fim da função da religião como organizadora do cosmos, inauguramos uma nova era de pluralismos em que toda e qualquer instituição pode fundamentar e explicar a realidade. Dessa forma, converter-se a uma religião tornou-se algo voluntário que depende da preferência de cada indivíduo desprendendo-se da tradição e da herança, bem como, da regra clássica de “[...] construir um mundo comum no âmbito do qual toda vida social recebe um significado último que obriga a todos” (Berger, 2013, p. 145). Assim, os livros de autoajuda e as palestras ministradas por pessoas bem-sucedidas viraram um mercado extremamente lucrativo.

No campo das relações de trabalho saímos da era do fordismo, passando pelo taylorismo, pelo toyotismo e chegando, finalmente, nesse modelo pós-moderno da acumulação flexível.

4 Bauman denomina esse “esfriamento” como a incapacidade de alguns sujeitos em perceber como pode ser aconchegante a “[...] comunhão humana e quanto consolo, conforto, encorajamento e simples prazer pode se obter dividindo a própria sorte e esperança com os outros” (Bauman, 2000, p. 60).

5 Menção ao fato noticiado no início de setembro/2015 sobre uma criança Síria que foi encontrada afogada numa praia da Turquia quando tentava fugir da guerra, com sua família, para o Canadá.

Inicialmente, a regra era aumentar a produção através da linha de montagem que evitava a perda de tempo, deslocamento físico do funcionário, e o fazia mero reprodutor de um movimento apenas (não é preciso pensar, apenas executar). Posteriormente, surge a ideia da racionalização do trabalho: o trabalhador deveria ser treinado para executar a tarefa em tempo mais hábil. Em seguida, surge o pressuposto de que o funcionário deve conhecer vários elementos e funções da linha de produção podendo atuar em várias delas, sendo treinado para tal (Santos, 2012).

Enquanto no início da modernidade o trabalhador exercia sua tarefa dezoito horas por dia - com seu tempo consistindo em trabalhar, alimentar-se, dormir e no dia seguinte reproduzir novamente sua força de trabalho -, no século XIX surgem os primeiros direitos trabalhistas, conforme os quais o empregado só cumpriria apenas oito horas de trabalho, com direito a férias e 13º salário. (Santos, 2012). No Brasil esses direitos só começam a ser discutidos a partir de 1930.

Hoje em dia, não existem mais essas regras rígidas de trabalhar um número X de horas, no chão da fábrica, desempenhando apenas uma função, como é explicitado no filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin. O que representa as relações de trabalho pós-modernas são os jornalistas, *blogueiros* e tantos outros profissionais que trabalham de suas próprias casas, usando seus computadores pessoais, podendo desenvolver outras atividades, mesmo domésticas, durante o “expediente”, com os horários flexíveis (Meirelles, 2013).

Este constitui mais um problema pós-moderno, a flexibilização dos direitos trabalhistas que permitem relações terceirizadas que provocam a exploração de trabalho. Como quando grandes empresas instalam indústrias em países pobres, para produzir um determinado produto que será vendido por altos preços nos países mais ricos, sem que seja pago de maneira justa, conforme as leis trabalhistas, os direitos dos funcionários.

A pós-modernidade é marcada, também, por um novo fenômeno sociocultural que declara guerra contra tudo que referencia para si a qualidade de universal, o que inclui a Ciência:

Uma vez que a mentalidade moderna fundamentava-se na razão e na ciência para explicar a realidade, em uma simplificação conceitual, o pós-modernismo pode ser definido como uma rejeição da mentalidade moderna, da cosmovisão iluminista e também positivista [...] Os modernos, fundamentados essencialmente na razão, acreditavam compreender a realidade “isentos da dependência pré-moderna dos mitos e histórias que explicavam o mundo” (Grenz, 1997, p. 75). No entanto, na perspectiva pós-moderna, todos os mitos dominantes perdem seu apelo legitimador, inclusive os “ismos”⁶ construídos na modernidade. Os pensadores pós-modernos entendem que a História pode ser encarada como uma constante troca

6 Marxismo, Positivismo, Evolucionismo, entre outros.

de metanarrativas (Novaes, 2007, p. 12).

Ou seja, a Ciência tida antes como espinha dorsal de sustentação do bem-estar e salvação da humanidade, na pós-modernidade não passa de mais uma metanarrativa aberta a questionamentos e dúvidas. O novo paradigma pós-moderno enfraquece a autoridade da Ciência e promove um novo investimento no sagrado e sobrenatural na procura por verdades, estas encaradas, todavia, diferentemente da Idade Média, não mais como universais:

Diante desse quadro, a compreensão do fenômeno da morte ou falência das metanarrativas, a qual se refere Jean-François Lyotard em sua obra *A condição pós-moderna*, parece ser um conceito indispensável para se entender as mudanças e desafios que a ciência enfrenta. É com a compreensão da pós-modernidade e da crise das metanarrativas que se revela uma ligação entre o enfraquecimento da ciência como um discurso absoluto e infalível da realidade e a ascensão do misticismo e do sobrenatural no discurso e na práxis científica, por meio do que se chama de pseudociência (Ibidem, p. 19).

Como expressa Boaventura de Sousa Santos em *Introdução a uma Ciência Pós-moderna* (2002), o desafio neste novo contexto é constituir uma Ciência que ofereça conhecimentos edificantes, mas, sobretudo, forme uma sociedade que a torne possível. Quanto à cultura, a pós-modernidade é marcada pela banalização da arte e pelo hibridismo, uma mistura que caracteriza múltiplas influências que fundam um novo estilo, como o Tropicalismo⁷, por exemplo.

Esta desvalorização da arte, vamos dizer assim, acontece quando o fato de desfrutarmos de acesso facilitado às obras, principalmente as clássicas, da arte mundial (esculturas, pinturas, músicas etc), através dos meios de comunicação, em muitos casos, não consegue estimular igualmente a compreensão do valor patrimonial e histórico que elas carregam. Ninguém precisa mais ir ao Museu do Louvre em Paris para apreciar a famosa *Mona Lisa* de Da Vinci e *Für Elise*, de Beethoven, virou música de espera em centrais de atendimento ao cliente por telefone.

Não estamos falando aqui que esse alcance tem um impacto negativo, mas, ao mesmo tempo em que democratiza o acesso à cultura, por falta de formação e informação, especialmente, deprecia-se o acervo. Além disso, vivemos na civilização do espetáculo, tudo é um show para ser admirado, cada vez mais aplaudido, consumido, mas não para ser pensado e refletido. Tudo se baseia na imagem, nos efeitos, nos slogans impactantes. Quanto mais emocionar, iludir e deslumbrar, melhor (Santos, 2014).

Outro bom exemplo dessa nova realidade é o surgimento da música eletrônica. Quem poderia imaginar que, algum dia, seríamos capazes de produzir música sem utilizar

7 O Tropicalismo foi um movimento cultural surgido no final da década de 60 e liderado por um grupo de compositores baianos que misturavam aspectos de várias manifestações artísticas como a música nacional de vanguarda, o pop rock e o rock internacional. Disponível em <http://tropicalia.com.br/>, acesso em 22/11/2015.

instrumentos musicais? Atualmente profissionais como os DJs são capazes de elaborar músicas reorganizando arranjos de sons gerados através de um aparelho sintetizador e nada mais.

Neste aspecto, conforme Hall (2011) faz-se importante diferenciar os movimentos de sincretismo e hibridismo cultural. Enquanto o primeiro refere-se à fusão de diferentes doutrinas, resultando em uma nova, que reinterpreta os ensinamentos das que a constituiu, o hibridismo se caracteriza como um movimento histórico social mais complexo, proveniente desde os primeiros deslocamentos dos povos ao redor do mundo (Hall, 2011). De acordo com este autor, a globalização vem acelerando paulatinamente esse processo de hibridização, provocando uma sensação de deslocamento absurda entre os sujeitos, jogando a humanidade num emaranhado de relações cada vez mais complexo.

Essa realidade foi bem explorada em sua obra *Da diáspora* (2003), a partir da análise da noção de identidade cultural dos migrantes caribenhos e das questões levantadas pelo movimento da diáspora desse povo nos assentamentos do Reino Unido, com dificuldade em deixar a terra natal para trás e adaptar-se a uma nova cultura. Assim, tiveram que lidar com esse novo conjunto de fatores que não os permitiram nem serem aqueles caribenhos natos, nem cidadãos de fato da terra adotada (Hall, 2003).

As análises de Hall (2003) concluem, dentre outras coisas, que a cultura não é apenas uma questão de ontologia, mas de tornar-se. Especialmente nessa nova realidade globalizada onde as influências nos atingem cada vez mais rápido e inesperadamente (Ibidem). Deste modo, chegamos ao campo das identidades: Como fica o “eu” do sujeito diante desse novo modo de viver?

Antigamente, quem era morador da zona rural ou cigano, por exemplo, era prontamente identificado pelo modo de vestir-se, falar, comportar-se. Atualmente, com as influências chegando a tão longos alcances e com tamanha rapidez, houve uma descaracterização/transformação dos personagens sociais.

Essa velocidade das informações possui lados positivos, como o de oportunizar muitas coisas em tempo hábil a inúmeras pessoas, mas apresenta seu lado negativo, quando as pessoas tendem a se envergonhar e/ou negar (d)aquilo que constitui sua história, para assumir uma realidade que lhes é, em certos casos, imposta e cobrada. Contudo, todos, querendo ou não, somos afetados pelas influências culturais que nos bombardeiam diariamente e cada um compõe seu próprio conjunto de aspectos que o definem e esse conjunto é deslocado quase que diariamente, fazendo-nos seres cada vez mais complexos e indefinidos (Hall, 2003).

No campo da educação, podemos dizer que enquanto as tendências tradicionais tecnicistas habitam o ideário moderno, as tendências Progressista Libertadora, Progressista Libertária,

Progressista Histórico-crítica, bem como a Liberal renovadora não-diretiva (Escola Nova), aproximam-se mais daquilo que podemos chamar de proposta educacional pós-moderna, caracterizada pela liberdade, o direito à livre expressão da identidade (mesmo enfrentando, ainda, preconceitos e intolerância), a variação admitida de espaços onde podem ocorrer o processo educacional, os recursos tecnológicos utilizados, a educação à distância via internet (anteriormente por correspondência), a isenção de certa hierarquia entre professores e alunos, onde admite-se que haja conhecimento autoconstituído, além da ideia do educador como mediador e não mais como portador único do saber (Araújo, 2009).

O indivíduo na Modernidade possui o movimento de desvinculamento da tradição, não tendo mais a obrigação de responder aos ditames do mundo em que vive. Sua “liberdade”, de certo modo, o desobriga à submissão e obediência a um líder religioso ou a um Estado. Este fator, adicionado à crença na razão e ao avanço tecnológico, contribuiu para que pensadores, como Max Weber, pensassem que num futuro não distante, a humanidade não precisaria mais de religião (Weber, 2006).

Na pós-modernidade, porém, a busca pela tradição caminha sobre a intenção de reinventá-la e ressignificá-la. Neste aspecto, podemos afirmar que, longe de abandonar a fé religiosa, as pessoas a ressignificam, procurando Deus, deuses ou seres iluminados, o que quer que seja, para se encontrarem enquanto seres humanos.

A definição do que é o pós-moderno é complexa, mas em poucas palavras, poderíamos dizer que esta perspectiva de contexto implica na negação das certezas, no momento em que os grandes discursos, que já foram explicações responsáveis por conferir sentido à vida, à existência e, assim, garantirem a possibilidade de prever um futuro, entram em crise (Santos, 2014). Exemplos disso são os do Marxismo, do Iluminismo e das religiões, sobretudo do Cristianismo, que se viu ameaçado com o anúncio da “morte de Deus”, após a derrocada espiritual causada pela carnificina da Primeira Guerra Mundial (IBIDEM).

Esse processo de negação acarretou o que Santos (2014) definiu como a desreferencialização do real e a dessubstancialização dos sujeitos⁸. Diante disso, ele explica que não há mais uma “realidade real”, porque agora são os diversos discursos que fundamentam a existência e se colocam como construtores/(des)construtores da identidade dos indivíduos que os seguem, sem o vínculo inflexível dos antigos dogmas, nem a prisão em modelos a seguir (Ibidem).

Neste sentido, então, não podemos descartar o moderno do pós-moderno, pois, se analisarmos bem, veremos que aquele está contido neste, já que os paradigmas da Modernidade ainda são seguidos por determinados grupos de pessoas e, assim, constitui não o discurso hegemônico, mas apenas mais UM dentre os demais.

8 Isso quer dizer que, o referente (a realidade) se degrada em fantasmagoria e o sujeito (o indivíduo) perde a substância interior, sente-se vazio.

A grande problemática em foco é a crise causada por toda essa atual liberdade de pensar e agir, a falta de regras. A negação da ideia da filosofia como construtora da verdade, a negação das antigas certezas e das utopias, oportunizam ao sujeito experimentar de toda fonte de pensamento e protótipo, tudo se torna muito próximo, acessível, sem limites, fazendo o sujeito se perder cada vez mais, enquanto tenta se encontrar, causando o que Bauman (1998) vai chamar de mal estar na pós-modernidade:

Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os Mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais (Bauman, 1998, p.10).

O sujeito se encontra no embate entre as raízes constituintes de sua formação cultural e tudo o mais que surge para questionar o que, até então, foi-lhe ensinado como certeza:

Dando adeus a essas ilusões, o homem pós-moderno já sabe que não existe Céu nem sentido para a História, e assim se entrega ao presente e ao prazer, ao consumo e ao individualismo (Santos, 2014, p. 11).

Neste aspecto, o pós-moderno pode recair na busca desenfreada pelo poder. Assim, já que agora existe liberdade para seguir o que se quer, os que têm mais dinheiro possuem certas facilidades para ditar regras, pois se já não há mais uma regra universal a ser considerada, mas um leque de possibilidades, então também não há uma justiça específica para julgar o que é certo ou errado:

[...] circuito informação-estetização-erotização-personalização do cotidiano não é O inocente [...] Tal como atende a vários gostos no nível material, o sistema comporta uma grande variedade de ideias e comportamentos. A sociedade se despolitiza ao se descontrair em mil jogos aquisitivos, em esportes, espetáculos, facilidades (Santos, 2014, p. 28-29).

Contudo, mesmo com a ideia de disputa para ver quem conquista mais adeptos, ainda assim, a pós-modernidade vem favorecer/fortalecer a luta de minorias dominadas historicamente, mediante essa possibilidade de experimentações e exploração do novo. A pós-modernidade não vem REPRESENTAR, ela vem APRESENTAR novos olhares sobre a mesma realidade (Ibidem).

É neste sentido que pensamos na importância de um movimento de alteridade e tolerância no novo contexto social, pois, se todos somos livres para exercermos e professarmos o que bem quisermos, faz-se necessário um combate a todo e qualquer tipo de opressão a este direito que nos foi conferido há muito tempo na própria Constituição Federal do país em 1988.

Oliveira (2007), a partir de Cardoso (2003) e Dussel (1993), discute uma série de fatores – como o comportamento dos colonizadores para com os colonizados e o próprio texto da Declaração Universal dos Direitos Humanos⁹ - que apontam para uma concepção de tolerância na Modernidade que nega a pluralidade humana, posto que se baseia no sentido de suportar o outro e não de garantir o direito deste existir sendo diferente (Oliveira, 2007).

Em tempos pós-modernos, negar o movimento da alteridade e alimentar a intolerância e o preconceito institui o empobrecimento das relações interpessoais, atestando nossa incapacidade de conviver com o que nos é “estranho” e de garantir o direito que tanto exigimos dos outros: RESPEITO.

A Centralidade da Cultura, a “Descentração” do sujeito e a função social do Ensino

Religioso para a formação das novas gerações

O rápido acesso às informações e às diversas culturas, proporcionado pela globalização, tem conduzido às pessoas a repensarem sobre si e a buscarem desenfreadamente formas de identidade diversas, fora do que estavam acostumadas a usar como referência do seu EU.

Estrela (2016) afirma que Hall aponta cinco acontecimentos históricos que contribuíram para o descentramento do, então, sujeito cartesiano: as tradições do pensamento marxista, a descoberta do inconsciente por Freud, a descoberta linguística de Saussure, os estudos de Foucault sobre a “genealogia do sujeito moderno” e o impacto do feminismo.

Todos estes fatores levaram o homem unificado e seguro de si a pensar sobre a dependência que tem do outro para “existir”. Especialmente os dois últimos acontecimentos levam a um agravamento deste pensamento: a ideia de ser singular. Ser singular, não implica sobremaneira em ser unificado. A singularidade dos seres, por viverem em sociedade, oportuniza a abertura de contestações sobre paradigmas e “verdades” universais.

A modernidade nos trouxe inúmeros benefícios, mas junto a eles, ganhamos abismos existenciais. Diante de tantas facilidades, a falta de fé e a necessidade dela crescem irônica e proporcionalmente juntas, pois ao mesmo tempo em que a existência de Deus (e deuses) e, conseqüentemente, as verdades absolutas são questionadas, as referências éticas e espirituais são perdidas.

Foram essas mudanças no cenário social, ao longo das últimas décadas, que desencadearam os conflitos geracionais que testemunhamos hoje, evidenciando a obsolescência da experiência dos mais velhos para a transformação do mundo pelos mais jovens. A grande preocupação

9 A começar pela designação do termo “homem” para se referir a tudo o que se diz humano.

está no que pode vir a acontecer se as próximas gerações negarem a herança cultural que foi erguida para elas.

Walter Benjamin, sociólogo frankfurtiano, defendia a ideia de que o passado foi constituído de possibilidades, o presente é a possibilidade que vingou e o futuro “grita” para que o presente não sucumba com as vozes do passado. Porém isso não quer dizer que devemos abandonar o passado, mas refletir sobre ele para não cometer novamente os mesmos erros.

Jean-Claude Forquin (2003), escrevendo sobre relações entre gerações e processos educativos expressava preocupação com o fato de já não estarmos dentro da natureza, apenas, mas na ordem da cultura e, assim, as transmissões biológicas não nos seriam mais suficientes, dando espaço às transmissões educativas.

Em sua discussão o autor destaca o conceito de “universalidade do fosso de gerações” dado por Margareth Mead que atribui esta crise de identidade à rapidez atordoante das transformações que intervêm em nossa vida cotidiana, ao desmoronamento da família, ao apodrecimento do capitalismo, ao triunfo de uma tecnologia sem alma, ao declínio das instituições e dos valores estabelecidos.

Hoje nossas escolas não recebem apenas filhos de famílias tradicionalmente estruturadas como antigamente. A identidade flutuante provocada pela estrutura social pós-moderna acarreta um conflito de gerações, onde os “pares” substituem cada vez mais os pais/responsáveis, nos modelos de comportamento constituindo o total desmerecimento da experiência social e cultural das gerações passadas para a formação dos jovens, como já foi mencionado.

Forquin tenta explicar essa tal obsolescência através da constatação dessa nova geração que acredita que

As competências adquiridas pelas gerações mais antigas não servem para mais nada porque o mundo, em função do qual elas foram produzidas desapareceu irremediavelmente; pior ainda, longe de permanecerem recursos para a adaptação ao presente e para a preparação do futuro, elas constituem obstáculos. (Forquin, 2003, p. 8)

Uma das principais inquietações do autor é o que Margareth Mead define com cultura pré-figurativa caracterizada por essa reviravolta das relações entre as gerações.

Este novo modelo de cultura pode fazer brilhar os olhos dos atores das gerações que venceram a opressão e as ditaduras em décadas passadas, mas se torna preocupante se pararmos para questionar de que servirá a escola se as próximas gerações não estiverem dispostas a ouvir a história de onde partem todas as reflexões, e assim, as transformações.

A cada dia que passa nos parece que a regra é não seguir regras e que os limites são ameaças e não uma tentativa de evitar o caos. Devemos repensar os rígidos conceitos difundidos por muitos e parar para enxergar e admitir que, às vezes, quem mais luta pela “liberdade” é quem mais oprime.

Se somos constituídos pelo meio social onde vivemos, isso quer dizer, por exemplo, que oprimir alguém que é cristão porque É cristão é tão desumano quanto segregar alguém porque segue religiões de matrizes africanas. Oprimir um heterossexual é tão desgastante quanto oprimir um homo ou bissexual.

A pessoa não é a religião que segue, mas aquilo que crê, e não deve pagar pelos erros dos que organizam tal segmento ou instituição. Neste sentido, a escola como espaço social, pois, deve buscar meios de oportunizar um debate sério e construtivo sobre a diversidade que favoreça a minimização do preconceito.

As diferenças culturais parecem cada vez mais visíveis e é preciso oportunizar a voz de todos para evitar a opressão de uma cultura sobre a outra e vetar um novo Auschwitz¹⁰. Sim, se pararmos para pensar, foi a tentativa de purificar a sociedade, igualando o conceito de homem que provocou a barbárie mais repugnante da história da humanidade.

Por que devemos ser iguais se é na diferença que temos a oportunidade de dialogar e enriquecer culturalmente? Não existe apenas uma cultura, ou uma cultura boa e uma ruim, mas culturas que devem ser respeitadas e vividas individual ou coletivamente.

É nessa perspectiva que Veiga-Neto (2003) compara a cultura com a língua. A língua é uma só em sua intencionalidade, mas pode ser escrita em muitos idiomas e, diria mais, em muitos símbolos, mas sempre com o mesmo propósito: comunicar, dialogar. Mas para que isso ocorra é preciso que haja disponibilidade dos sujeitos em se fazer entender, assim como nas culturas. É preciso falar, mas, sobretudo saber ouvir.

É fato que as crianças e adolescentes têm se apresentado mais dominadoras das novas tecnologias, sim eles conhecem muito do mundo, mas muito pouco da vida. E é por isso que devem ter pais/responsáveis (e quando escrevemos pais não nos detemos ao fator biológico) portadores de uma base familiar forte.

A pesquisa – que culminou com o livro de Bernard Charlot, Elisabeth Bautier e Jean-Yves Rochex “Escola e Saber nas periferias... e em outros lugares” citada por Forquin (2003), realizada na França e baseada nos estudos da equipe ESCOL da Universidade de Paris, revelou

Justamente a importância de se ter pais portadores de uma identidade e de uma

10 Auschwitz é uma rede de campos de concentração localizados no sul da Polônia operados pelo Terceiro Reich nas áreas polonesas anexadas pela Alemanha Nazista, maior símbolo do Holocausto perpetrado pelo nazismo durante a Segunda Guerra Mundial

memória familiar fortes, a intensidade, porém também a ambivalência das relações de identificação/distanciamento que se mantém com eles, e a maneira com a qual essas relações, mesmo nas famílias mais afastadas do mundo da escola, embasam e sustentam a dinâmica das motivações e as modalidades da relação com o saber e com a cultura sobre as quais se constroem os processos escolares bem-sucedidos ou fracassados. (Forquin 2003, p. 8)

Se couber, então, a escola educar e formar essas novas gerações, faz-se necessário levantar alguns questionamentos tais quais: Como será possível educar uma geração que não quer “ouvir”? Que se recusa a receber a “herança” que lhes foi preparada?

Nossos jovens não mais constroem ou cultivam valores próprios, eles adotam. Assim como adotam realidades “líquidas” e isso causa cada vez mais frustração, vazio e abandono emocional.

Sobre essa circunstância “líquida” em que vivem não só os jovens, mas grande parte da população mundial, Bauman (2015) alerta para a diferença que existe entre comunidade e rede, durante uma conferência concedida ao site Fronteiras do Pensamento¹¹, em que discorre sobre a condição do indivíduo nessas novas relações sociais denominadas *online*.

Em contrapartida, a rede é ativada e mantida por dois movimentos específicos: conectar e desconectar. E é nesse jogo de movimentos que se concentra a atratividade maior dessa nova forma de relacionar-se: a facilidade em desconectar-se, descartar as pessoas. Quando as relações são face a face ou *offline*, torna-se mais traumático esse desligamento. É preciso encontrar desculpas e explicações para isso e, ainda assim, continuará sentindo-se inseguro. Na internet basta um movimento de “deletar” ou “bloquear” e a relação está banida ou “pausada” (Bauman, 2015).

O sociólogo polonês continua seu discurso designando as redes sociais como uma multidão de solitários e julga as relações humanas como sendo bênção e maldição ao mesmo tempo. Bênção, por ser bastante satisfatório viver em companhia de outras pessoas e maldição, porque, ao atar um laço com outro, nos comprometemos que aquela relação será duradoura, deveras, para sempre. Mas, no mundo atual em que vivemos, onde novas oportunidades e atrativos surgem a todo instante, muitas vezes fica impossível manter esse compromisso. Esse contexto nos leva a uma situação ambivalente em que, ao mesmo tempo em que as pessoas não querem se apegar a nada, a nenhum compromisso, anseiam igualmente desfrutar de todas as relações e oportunidades que vierem a surgir (Bauman, 2015).

11 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gc-LXLIwOFs>, acesso em 20/08/2015.

Conclusão

Existem, conforme Bauman, dois valores essenciais para uma vida satisfatória e recompensadora: segurança e liberdade. Segurança sem liberdade é escravidão. Liberdade sem segurança é um completo caos, incapacidade de fazer nada, planejar nada, nem mesmo sonhar com isso. A grande questão para ele é que ninguém, jamais, conseguiu dosar a proporção que esses dois critérios necessitam para tornar uma vida perfeita. Cada vez que buscamos segurança nos privamos um pouco de liberdade e cada vez que nos proporcionamos liberdade, abdicamos de parte da nossa segurança. E a vida segue nesse jogo de “perde e ganha” (Bauman, 2015).

Assim, quando Sócrates afirma: “Só é útil o conhecimento que nos torna melhores”, ele traz à tona, talvez, o maior pilar de onde deva partir o ato educativo: Melhorar as pessoas.

Destarte, considerando que as escolas não oferecem espaço, em sua maioria para temas “irrelevantes” que abarquem as discussões sobre Ética e Pluralidade Cultural, por exemplo, que são temas transversais – afinal e ironicamente, temos apenas duzentos dias letivos para cumprir e os índices de IDEB para superar -, podemos nos perguntar: O Ensino Religioso, enquanto área temática da BNCC, pode auxiliar na construção desse pilar quando proporciona diálogos sobre a existência humana, o fenômeno religioso e seu impacto sobre o social onde estes alunos vivem?

É possível oportunizando um diálogo antropológico e sócio histórico, objetivando uma formação pessoal dos alunos, para a paz e tolerância na vida em sociedade, se o currículo for bem definido atendendo aos aspectos da diversidade, se a escola e os profissionais se comprometerem com a disciplina como parte importante do currículo e não como uma possibilidade de complementar carga horária, se o governo oferecer subsídios para o melhor desempenho do componente curricular (formação profissional e recursos materiais) e, principalmente, se houver um preparo adequado dos docentes para lidar com esses conflitos tentando ao máximo neutralizar suas convicções pessoais.

Os alunos têm sede de falar sobre si, de suas (des)crenças e dúvidas, para se encontrarem e se compreenderem como seres atuantes na sua própria vida pessoal e social, num ciclo de ação-reflexão-ação, tal qual diria Paulo Freire.

Se antigamente o Ensino Religioso trabalhava pela submissão, hoje ele abre portas para discussões que podem orientar nossos alunos para a vida em todos os seus aspectos, ajudando cada um a se encontrar em suas concepções e a se perceber enquanto ser valioso para o mundo onde está inserido.

Referências

- ARAÚJO, D. A. C. (2009) Pedagogia histórico-crítica: proposição teórico metodológica para a formação continuada. *An. Sciencult*, v.1, n.1, Paranaíba, p. 352-359.
- BAUMAN, Z. (1998) *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Matinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (2000) *Em busca da Política*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (2015) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gc-LXLIwOFs>. Acesso em 20/08/2015.
- BERGER, P. L. (2013) *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 9ª reimpressão. São Paulo: Paulus.
- BOBBIO, N., MATTEUCCI, N. & PASQUINO, G. (1998) *Dicionário de Política*. 11. ed. Vol. I. Brasília: Editora UnB.
- BEZERRA, T. C. E. (2007) *Modernidade e Pós-modernidade: uma abordagem preliminar*. Revista Textos e Debates. Ed UFRR. Vol. 2, n. 13.
- CARDOSOS, C. M. (2003). *Tolerância e seus limites: um olhar latino-americano sobre diversidade e desigualdade*. São Paulo: editora UNESP.
- DUSSEL, E. (1993) *O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes.
- ESTRELA, K. A. D. F. (2016) *Ensino Religioso e diálogo na escola: um estudo sobre a reconstrução/ressignificação histórica da disciplina a partir do conceito pós-estruturalista de identidade na cidade de João Pessoa*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18067>
- FORQUIN, J. (2003) *Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações*. Congresso Internacional Co-Educação de Gerações. SESC: São Paulo.
- HALL, S. (2011) *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- MEIRELLES, S. (2013) *Informalidade nas relações de trabalho: uma expressão imediata da flexibilização dos modos de produção*. III Simpósio Mineiro de assistentes sociais. CRESS: Belo Horizonte.
- NOVAES, A. M. (2007) *A Ciência na Pós-Modernidade: a falência das metanarrativas e suas implicações na construção do paradigma científico contemporâneo*. Revista UNASP. V.1. Nº 12. p.9-21.

OLIVEIRA, A. M. (2007) Preconceito, Estigma e Intolerância Religiosa: A prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados multiculturais. Estudos de Sociologia. In *Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*, v. 13, n. 1, p. 239-264.

SANTOS, B. S. (2002) *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*. 6ª ed. Edições Afrontamento: Porto.

SANTOS, G. M. (2012) *Trabalho na Modernidade: sociedade de risco e desrespeito aos direitos sociais e econômicos dos trabalhadores*. VII Congresso Português de Sociologia. Universidade do Porto.

SANTOS, J. F. (2014) *O que é Pós-Moderno*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense.

VEIGA-NETO, A. (2003) *Cultura, culturas e educação*. Revista Brasileira de Educação.

WEBER, M. (2006) *Sociologia das Religiões*. Relógio D'Água Editores.